

VITRAL CULTURAL

a newsletter do CCJF

Chegou a 29ª edição da *Vitral Cultural*, a newsletter mensal do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF). Por aqui, você encontra matérias sobre as principais atrações e iniciativas do CCJF, além de notas e bons artigos sobre arte e cultura. Esperamos que cada pedacinho desse vitral, produzido com cuidado e apreço, te traga bons momentos de leitura. Mais uma vez, aqui vai aquele pedido especial: se gostou do conteúdo, repasse aos(às) amigos(as)! Vamos aproveitar o poder de disseminação da Internet para ampliar o acesso da população à cultura. Assim, todos(as) ganham. Gratidão ✨



Da esquerda para a direita, com o selo em mãos: desembargadores federais Rogério Tobias, Guilherme Calmon, Firly Nascimento Filho (corregedor-regional do TRF2), Theophilo Antonio Miguel Filho (diretor-geral do CCJF) e Luiz Paulo da Silva Araújo Filho (presidente do TRF2); Presidente do TRF1 Roque Lucarelli Dattoli; desembargador federal Wilney Magno; presidente da Casa da Moeda do Brasil, Sérgio Perini Rodrigues; e superintendente estadual dos Correios no RJ, Wellington Soares Rodrigues

Centro Cultural lança selo comemorativo de 25 anos reforçando a missão de guardião da história e farol de cultura do país

Para a coleção de memórias do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF), mais um capítulo emblemático. No dia 24 de setembro, na Sala de Sessões — que foi sede do Supremo Tribunal Federal até 1960 —, aconteceu o lançamento do selo comemorativo dos 25 anos do CCJF, confeccionado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos (ECT). O selo é mais um símbolo que

Cinelândia - Cinema na Rua exibe o filme *Mauricio de Sousa, o mestre dos quadrinhos*



Em outubro, o projeto *Cinelândia - Cinema na Rua* leva para a Pedro Lessa mais uma sessão de cinema ao ar livre. Dessa vez, o longa-metragem escolhido é *Mauricio de Sousa - O Filme* que será exibido terça-feira, dia 27, às 18h30.

Com roteiro e direção de Pedro Vasconcelos, o filme reconta a vida do quadrinista mais importante do Brasil e os primeiros passos que tornaram realidade o seu sonho de se tornar desenhista. Criador de Turma da Mônica, a trama traz um olhar pessoal e sensível para a vida de um artista e das referências que o formaram. Da descoberta e paixão pelos quadrinhos à construção de uma

reforça e celebra duas décadas e meia dedicadas à cultura, às artes e à preservação da memória.

A solenidade de lançamento foi conduzida pelo presidente do Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2), desembargador federal Luiz Paulo da Silva Araújo Filho e pelo diretor-geral do CCJF, desembargador federal Theophilo Antônio Miguel Filho. Também compôs a mesa diretora o presidente do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região (TRT1), desembargador Roque Lucarelli Dattoli; o corregedor-regional da Justiça Federal da 2ª Região, desembargador federal Firly Nascimento Filho; os desembargadores federais Guilherme Calmon Nogueira da Gama, Rogério Tobias de Carvalho e Wilney Magno de Azevedo Silva; além do superintendente estadual dos Correios no Rio de Janeiro, Wellington Soares Rodrigues; e o presidente da Casa da Moeda do Brasil, Sérgio Perini Rodrigues.

Após a execução do hino nacional, o desembargador federal Dr. Theophilo Antonio Miguel Filho, diretor-geral do CCJF, abriu a cerimônia agradecendo os presentes e a mais uma oportunidade de reconhecer a permanência viva da história de um dos mais simbólicos espaços de memória jurídica e cultural do Brasil. Para ele, muito mais do que uma peça filatélica, o selo “é uma carta que esta Casa envia ao futuro – um testemunho em miniatura de que a memória da Justiça brasileira permanece viva, circulando de mão em mão, atravessando documentos, coleções e afetos”.



No púlpito, o diretor-geral do CCJF, desembargador federal Theophilo Antonio Miguel Filho discursa para o público na cerimônia de lançamento do selo comemorativo de 25 anos do Centro Cultural

Em seu pronunciamento, o presidente do TRF2 destacou a importância da iniciativa do CCJF de estabelecer as parcerias que possibilitaram a criação do selo. Para o desembargador, a peça filatélica adquire significado especial por unir celebração, circulação da cultura e preservação da memória. “A criação deste selo comemorativo é uma iniciativa muito feliz do Centro Cultural Justiça Federal, sob a condução de seu diretor-geral, desembargador federal Theophilo Antônio Miguel Filho. As parcerias estabelecidas com os Correios, a Casa da Moeda e a Fundação Biblioteca Nacional conferem ainda maior significado à celebração dos 25 anos do CCJF, instituição que se consolidou

carreira considerada impossível na época, o filme mostra a coragem de Mauricio de Sousa em sustentar suas ideias, histórias e personagens.

É só chegar, vem conferir!

O evento será adiado em caso de chuva.

Novas exposições em outubro no CCJF



Em outubro, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) abre quatro novas exposições: *As Palavras*, da artista Suely Farhi, que investiga o limiar entre palavra, imagem e espaço; *Biografemas*, uma exposição coletiva que reúne 11 artistas de diferentes regiões do Brasil, voltada à fabulação biográfica; *Zumbido*, mostra individual do artista João Machado, resultado de 15 anos de pesquisa mergulhando no universo das abelhas nativas do Brasil e, por último, *Diários de Classe*, 1ª exposição individual da artista Fernanda Morais que traz um conjunto de obras surgidas a partir do encontro com as crianças e de sua trajetória na escola pública.

Com atividades extras, *As Palavras* e *Biografemas* ocupam as galerias do CCJF no período de 14 deste mês a 22 de novembro, com abertura dia 13 de outubro. Já *Zumbido* e *Diários de Classe* ficam no Centro Cultural de 16 de outubro a 22 de novembro; a abertura de ambas será

como um importante espaço de promoção da cultura e das artes e de aproximação do Judiciário com a sociedade”, frisou.

O selo institucional é formado por um dos mais valiosos elementos artísticos do prédio do Centro Cultural: o grande vitral da deusa da Justiça Themis, localizada na escadaria principal do hall de entrada. O superintendente Estadual dos Correios no Rio de Janeiro, Wellington Soares Rodrigues, corrobora com a ideia da importância da filatelia como instrumento de preservação da memória nacional. Segundo ele, os selos permitem registrar e valorizar “acontecimentos, instituições e bens culturais que integram a história e a identidade do Brasil”. Ao falar especialmente sobre o CCJF, ele destacou a contribuição da instituição para as artes e para a preservação do patrimônio cultural e explicou o significado da nova peça filatélica: “Ele transporta não apenas uma imagem, mas o registro permanente de uma instituição dedicada à preservação da memória e à valorização da cultura”.

Na sequência dos discursos, o presidente do TRF2, o diretor-geral do CCJF e o corregedor-regional da Justiça Federal da 2ª Região realizaram a obliteração do selo, seguindo o procedimento indicado pelo superintendente Estadual dos Correios. A obliteração é o ato solene ou simbólico de carimbar um selo postal recém-lançado para colocá-lo oficialmente em circulação e integrá-lo ao acervo filatélico. Nas ocasiões de lançamentos comemorativos, o selo obliterado na cerimônia de lançamento torna-se um item valioso para colecionadores (filatelistas), muitas vezes assinado pelas autoridades presentes no evento.

A cantora lírica Ane Janin enriqueceu o evento ao cantar, em dois momentos da cerimônia, árias de ópera que reverberaram lindamente no ambiente da Sala de Sessões. As apresentações foram muito aplaudidas e emocionaram o público. No encerramento, Dr. Theophilo Antônio Miguel Filho destacou o valor simbólico que o lançamento possui para ele, ao lembrar que era um colecionador de selos quando criança. “O selo, para mim, revela a minha infância pois lembro da minha coleção. Ter a oportunidade, hoje, com a presença do presidente do Tribunal, Luiz Paulo, de lançar um selo para comemorar o jubileu de prata desse prédio é motivo de muito orgulho. Quero agradecer aos Correios por ter realizado esse sonho de infância”, ressaltou.



no dia 15 deste mês.
Venha conferir!



A história do CCJF: agende sua visita!



O programa conta a história do prédio, de sua construção até os dias atuais. Projetado pelo arquiteto Adolpho Morales de Los Rios para ser originalmente o Palácio Arquiepiscopal, o edifício - exemplar da arquitetura eclética - abrigou o Supremo Tribunal Federal de 1909 a 1960.

Atualmente, é um dos poucos remanescentes da reformulação da cidade do Rio de Janeiro ocorrida no início do século XX.

A visita propõe, ainda, uma reflexão sobre preservação do patrimônio histórico, cultura, justiça e sociedade.

O serviço de visita orientada é gratuito e o agendamento pode ser feito da seguinte maneira:
para até 10 pessoas
[clique aqui](#)

Já para grupos de até 40 pessoas pelo e-mail:
visitas.ccjf@trf2.jus.br



*Refúgio para a
mente, olhos e
ouvidos no coração
do Centro do Rio*

Em “Café, Almoço e Jantar”, o tempo atravessa histórias, escolhas e gerações

Um pequeno restaurante permanece no mesmo lugar. Ao redor dele, porém, tudo muda. Pessoas chegam, partem, envelhecem e retornam. Do lado de fora, o Brasil também se transforma. É nesse encontro entre o tempo íntimo de uma família e o tempo histórico de um país que se constrói *Café, Almoço e Jantar*, espetáculo apresentado em setembro no **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**.

Escrita por Ivan Fernandes e dirigida por ele e Máira Kestenberg, a peça acompanha três momentos da vida de uma família, em 1987, 1994 e 2018. As três épocas correspondem também aos três atos que dão nome ao espetáculo: café, almoço e jantar. O ponto de encontro é o restaurante de Dona Filó, onde relações familiares, ausências, afetos e escolhas vão deixando suas marcas à medida que os anos avançam.

Entre um período e outro, a passagem do tempo ganha uma linguagem própria no palco. O restaurante se esvazia e acontecimentos políticos e sociais conduzem o público através das décadas. A redemocratização, mudanças econômicas e diferentes momentos da vida política brasileira surgem não como uma história paralela, mas como parte do mundo em que aqueles personagens vivem.

Segundo Ivan Fernandes, essa relação está na origem da dramaturgia. “Surgiu da necessidade de falar do Brasil de hoje usando o Brasil de ontem, e toda a trajetória que o país percorreu nas últimas décadas”, explica. O autor conta que não queria tratar o tema de forma panfletária, por isso, a partir da trajetória de uma família, encontrou uma maneira de mostrar pessoas que testemunham diferentes períodos e como elas são afetadas e transformadas por eles.

A escolha encontra eco na experiência do público. Patrícia, designer, destacou justamente a forma como a montagem aproxima os acontecimentos históricos das questões familiares e sensíveis dos personagens. Para ela, esse entrelaçamento ajuda a perceber não apenas os fatos que posteriormente reconhecemos como História, mas também o que as pessoas viviam e sentiam enquanto esses acontecimentos repercutiam em seu cotidiano.

O personagem que não sai de cena — Ao longo de *Café, Almoço e Jantar*, diferentes personagens parecem ocupar o centro da narrativa. Dona Filó mantém o restaurante e a família; Américo, seu funcionário e amigo, torna-se também referência afetiva para as gerações que passam por ali; Paolo e Hermes atravessam experiências de partida, ausência, pertencimento e reencontro. Para o autor, no entanto, há um protagonista que está acima de todos eles. “O principal personagem da peça é o tempo. É o tempo que atravessa o país e a família, e na sua marcha, todas as coisas mudam, passam”, pontua Ivan.

É também a passagem do tempo que modifica o significado das escolhas. Personagens que, em diferentes momentos, procuram liberdade, autenticidade ou seu próprio lugar no mundo precisam lidar com as responsabilidades e consequências que acompanham essas decisões. “Escolhas, responsabilidades,



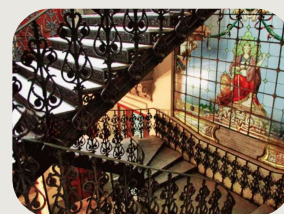
Venha conhecer a biblioteca do CCJF, localizada no 2º andar do nosso prédio. Lá, você encontra um acervo especializado em Arte e Cultura, ambiente confortável para ler e estudar.

Não é necessário se cadastrar nem agendar horário para frequentar nossa biblioteca.

A biblioteca está aberta ao público de **terça a sexta, das 12h às 17h**, exceto no recesso judiciário e feriados.



Programação do CCJF no WhatsApp



Fique atento(a) à nossa programação. Entre no grupo do WhatsApp especialmente feito para a divulgação dos próximos eventos. É só apontar a câmera do celular para o QR code abaixo:



pertencimento e amadurecimento são questões que só se respondem para os personagens através da passagem do tempo”, observa o autor.

Essa reflexão ganha força especialmente nas relações entre as gerações. Partir e permanecer não aparecem necessariamente como decisões opostas entre certo e errado. Enquanto para um personagem, partir significa encontrar a possibilidade de construir a própria vida; para outro, é somente depois de muitas partidas que surge a percepção do lugar ao qual pertencem.



Um lugar habitado pela memória — Enquanto as décadas avançam, o restaurante permanece. Mais do que cenário para a ação, o espaço acumula lembranças daqueles que passaram por ele. No último período retratado pela peça, personagens que já morreram voltam a aparecer em cena. Ivan esclarece que não se trata de fantasmas, mas de memórias. “Todo lugar, e toda família, é cheio de referências das pessoas que já o habitaram”, explica.

A permanência do restaurante também está ligada à própria origem do espetáculo. Ivan conta que *Café, Almoço e Jantar* começou como um desafio de escrita: acostumado a criar peças que percorrem diferentes cenas e ambientes, queria experimentar uma dramaturgia que acontecesse inteiramente em um mesmo lugar. O espaço ficou. O tempo, não.

Embora carregue elementos pessoais, Ivan ressalta que a obra não é autobiográfica. “Todos aqueles personagens existiram de uma forma ou de outra na minha criação”, conta. Para ele, uma das experiências mais marcantes proporcionadas pelo espetáculo tem sido perceber como o público reconhece aqueles personagens em suas próprias histórias. “A família da peça acaba se tornando um símbolo da história de muitas famílias brasileiras.”

Talvez esteja justamente aí uma das forças de *Café, Almoço e Jantar*. Enquanto grandes acontecimentos atravessam o país e um pequeno restaurante atravessa décadas, a História, escrita com letra maiúscula, encontra as histórias particulares que acontecem todos os dias: à mesa, dentro de casa, nas partidas e nos retornos, nas escolhas que fazemos e naquilo que o tempo faz com elas.



Você também pode acessar o site do CCJF e conferir nossa programação completa e atualizada. [Clique aqui!](#)

Curiosidades do CCJF: você sabia?



Você sabe quem é o autor das belíssimas pinturas da Sala de Sessões do CCJF?

Quem entra na Sala de Sessões do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) logo percebe as belas pinturas que decoram o teto e as paredes do espaço. Mas você sabe quem está por trás dessas obras? O autor é Rodolpho Amoêdo, um dos grandes nomes da pintura brasileira, que também se destacou como professor e formador de artistas.

Amoêdo iniciou sua trajetória artística no Rio de Janeiro, onde estudou no Liceu de Artes e Ofícios e na Academia Imperial de Belas Artes. Em 1879, conquistou o primeiro prêmio em um concurso da Academia, que lhe garantiu uma viagem a Paris. Na capital



Nos 25 anos de história, Centro Cultural Justiça Federal homenageia Ellen Gracie, primeira presidente do Supremo Tribunal Federal, com Medalha de Mérito Cultural

No dia 23 de setembro, na emblemática Sala de Sessões que foi sede do Supremo Tribunal Federal até 1960, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** concedeu a Ellen Gracie Northfleet, presidente do STF no biênio 2006-2008 — primeira mulher a integrar a composição da Corte em mais de 100 anos de história —, Medalha e Certificado de Mérito Cultural do CCJF. A homenagem compõe a série de honrarias que o CCJF tem concedido, em comemoração aos 25 anos do Centro Cultural.

Na abertura da cerimônia, após a execução do hino nacional, o desembargador federal Theophilo Antônio Miguel Filho, diretor-geral do CCJF, cumprimentou todos os presentes e ressaltou a alegria e a honra de condecorar a ministra Ellen Gracie no jubileu de prata do CCJF. “Nestes 25 anos do Centro Cultural, nada mais justo do que reconhecer e agradecer a presença da querida ministra da nossa Suprema Corte — Corte que funcionou aqui por 51 anos — para que no dia de hoje possamos registrar e traçar um pouco da história já que a ministra Ellen Gracie é parte dessa história”, frisou.

Ao destacar a trajetória profissional da homenageada, Dr. Theophilo Miguel destacou a carreira da ministra como um capítulo da história do Direito brasileiro. “Em 2006, fez história ao se tornar a primeira mulher a presidir o Supremo Tribunal Federal — um feito que, até pouco tempo antes, parecia impensável. Mas a ministra Ellen Gracie não é apenas uma pioneira. É, sobretudo, uma guardiã da memória institucional do Judiciário brasileiro”, destacou o diretor-geral. Ele lembrou que foi durante a gestão dela na presidência do Supremo que se criou a Comissão Organizadora dos Festejos do Bicentenário do Judiciário Independente no Brasil — celebração que culminou, em março de 2008, no seminário “Juizes e Tribunais: Perspectivas da História da Justiça no Brasil”, realizado no

francesa, ingressou na *École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts* e aprofundou seus conhecimentos com importantes mestres da pintura europeia.

De volta ao Brasil, construiu uma carreira marcada tanto pela produção artística quanto pelo ensino. Como professor, influenciou gerações de artistas, entre eles Eliseu Visconti e Cândido Portinari. Suas pinturas também passaram a integrar importantes espaços culturais e institucionais do país, como o Theatro Municipal do Rio de Janeiro, a Biblioteca Nacional e o Museu Nacional de Belas Artes.

No CCJF, Amoêdo assina o painel central da Sala de Sessões, que retrata a Justiça na figura de uma mulher, além dos painéis monocromáticos com as palavras *Jus*, *Pax* e *Lex*, palavras em latim que significam Justiça, Paz e Lei, respectivamente. As obras foram assinadas e datadas de 1909.

Um detalhe que chama a atenção é que a figura da deusa da Justiça não aparece com a tradicional venda nos olhos pois ali subentende-se que ela já formou sua convicção quanto à decisão jurídica. A combinação de imponência e delicadeza torna o painel ainda mais interessante, convidando o visitante a observar os detalhes da composição e a conhecer um pouco

Centro Cultural, em parceria entre o STF, o Tribunal Regional Federal da 2ª Região (TRF2) e o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. “Ao receber essa medalha, receba também o reconhecimento de uma vida dedicada à Justiça, à história e à cultura de nosso país”, reforçou.

Outro fato convergente, que une Ellen Gracie e CCJF, foi destacado na cerimônia: em seu mandato à frente do STF, a ministra organizou a devolução ao CCJF do mobiliário original utilizado pela Suprema Corte quando a sede funcionava no Rio de Janeiro. A recomposição permitiu recriar a ambientação histórica do espaço, hoje aberta à visitação pública. Em 2006, para marcar a recuperação da Sala de Sessões, o STF realizou no local uma histórica sessão administrativa, restabelecendo simbolicamente a ligação entre a Suprema Corte e sua antiga sede carioca.

mais da história por trás das pinturas.

Na próxima visita ao CCJF, vale a pena dedicar alguns minutos para contemplação dessas obras e conhecer o legado de Rodolpho Amoêdo, cuja arte permanece presente na paisagem cultural e histórica do Rio de Janeiro.



Da esquerda para direita, Dr. Theophilo Miguel Filho entrega a Medalha e o Certificado de Mérito Cultural do CCJF à ministra Ellen Gracie (centro), acompanhados do desembargador federal Frederico Gueiros

Emocionada, a ministra Ellen Grace agradeceu a homenagem concedida por uma Casa que por décadas foi o palco de importantes julgamentos, como o Habeas Corpus de Rui Barbosa e Olga Benário, um pilar da Justiça. Ela ainda destacou “a felicidade histórica” que a colocou na presidência do Supremo cuja posição deu a oportunidade de restituir ao Centro Cultural o mobiliário que foi fabricado especialmente para a Sala de Sessões e que, segundo a ministra, está sendo tão bem aproveitado “com uma restauração primorosa e uma manutenção perfeita ao longo desses 25 anos.” “É uma emoção muito grande para mim estar aqui hoje, recebendo essa medalha tão bonita e todo carinho de vocês, porque esse prédio tem realmente um significado muito especial (...) Os 50 anos em que o Supremo Tribunal Federal jurisdicionou a partir dessa Casa foram fundamentais para a história do Brasil. Aqui, se julgou as

causas mais importantes daquela época, desde a Revolta da Vacina até a Revolta da Chibata, tudo passou no Supremo Tribunal Federal. É bom que nunca esqueçamos que daquela tribuna, Rui Barbosa construiu a teoria brasileira do Habeas Corpus. Cada vez que a vejo me emociono, vejo a construção do Direito de um país que é a coisa mais importante que há...é a defesa de um modo de ser, as regras que todos nós nos obrigamos a cumprir e é também a cultura que nós criamos ao longo do tempo”, ressaltou Ellen Gracie ao completar que “é essa cultura que valoriza os bons exemplos e o bom comportamento que precisamos cada vez mais, especialmente no momento que vivemos hoje, valorizar e tratar de transmitir aos nossos filhos e netos”.

A ilustre homenageada ainda fez questão de parabenizar todos os antigos diretores do Centro Cultural e a intensa atividade que se tem desenvolvido na Casa. “Certamente, o Centro do Rio de Janeiro, cidade que já foi capital de colônia, império, República, merece ter conservado essa memória e tradição. O prédio do antigo Supremo Tribunal Federal e, hoje, Centro Cultural da Justiça Federal marca essa nossa necessidade de cultivar o passado para merecermos um futuro melhor”, concluiu a ministra.

Compuseram a mesa de honra a primeira vice-presidente do Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro (TJRJ), desembargadora Suely Lopes Magalhães, representando o presidente da Corte e governador em exercício do Estado do Rio de Janeiro, desembargador Ricardo Couto de Castro; o corregedor-regional da Justiça Federal da 2ª Região, desembargador Federal Firly Nascimento Filho; o desembargador federal Guilherme Calmon Nogueira da Gama; o procurador-chefe da Procuradoria Regional da República da 2ª Região, Leonardo Cardoso de Freitas; e a presidente da Comissão Especial da Justiça Federal da OAB-RJ, Alessandra Lamha Carneiro.



Espectáculo *Kairós* - A Música do Corpo uniu dança flamenca, música clássica e poesia no CCJF

O teatro do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu, no dia 24 de setembro, o espetáculo *Kairós* - A Música do Corpo,

protagonizado pela coreógrafa e bailarina Eliane Carvalho ao lado de seis músicos. A apresentação reuniu dança flamenca, música e poesia em uma experiência artística inspirada na ideia de Kairós: o tempo do instante, da presença e da criação.

Ao longo do espetáculo, piano, voz, guitarra flamenca, violino, violoncelo, cajón e percussão construíram uma paisagem sonora que aproximou a força ancestral do flamenco da profundidade da música clássica. Nesse diálogo entre diferentes universos musicais, a dança surgiu a partir da escuta e da interação entre os artistas, enquanto referências literárias de Clarice Lispector, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Federico García Lorca e outros poetas ampliaram as possibilidades de expressão em cena. A proposta de Kairós é explorar as relações entre corpo, som e emoção, valorizando a liberdade de criação e a presença dos artistas em cada instante.

Para Eliane Carvalho, a apresentação no CCJF foi marcada pela boa receptividade do público e pelo ambiente do espaço cultural. “Apresentar Kairós no Centro Cultural Justiça Federal foi uma alegria imensa. A atmosfera do espaço e a troca com o público tornaram essa experiência ainda mais especial, reafirmando a arte como lugar de encontro e transformação”, afirmou a coreógrafa.

A bailarina também ressaltou a importância de espaços culturais que acolhem diferentes manifestações artísticas e ampliam o acesso à cultura. “Espaços como o CCJF são fundamentais para a cultura da nossa cidade, pois acolhem diferentes linguagens e possibilitam que a arte continue viva, pulsante e acessível”.

Ao refletir sobre a experiência, a artista também manifestou o desejo de retornar ao CCJF para continuar criando e compartilhando novos trabalhos. A apresentação de Kairós - A Música do Corpo reforçou, assim, o potencial da arte de aproximar diferentes linguagens e criar experiências que ultrapassam o momento da apresentação.



Da música ao cinema: uma noite de rock na Cinelândia

No dia 22 de setembro, durante a *Semana de Arte do Rio*, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)**, em parceria com a Banca do André e a Associação dos Servidores da Ancine (ASPAC), promoveu mais uma edição do *Cinelândia - Cinema na Rua*, com a exibição do filme *Aumenta que é Rock 'n' Roll*. A programação se iniciou uma hora antes, com um show de rock da banda *Pão e Chico*, com participação da cantora Ana Brasil. Durante o show, foram tocados diversos clássicos do gênero, como “Que País É Esse”, de Legião Urbana, e “Sweet Child O’ Mine”, do Guns N’ Roses, entre outros.

Responsável pela abertura musical e pelo convite à banda *Pão e Chico*, a cantora Ana Brasil destacou que a combinação de cinema e música criou uma conexão integrada e marcada pela memória, fazendo com que o público se sentisse cativado e pertencente ao evento: “A resposta do público foi um dos principais indicadores do sucesso da iniciativa. A aproximação espontânea das pessoas, a permanência ao longo do evento e a receptividade às músicas e ao filme demonstraram a força de iniciativas culturais realizadas em espaço aberto”, destacou Ana.

Segundo Fred Chico, um dos integrantes da banda *Pão e Chico*, a experiência de tocar no Cinema na Rua foi incrível. “Nós adoramos tocar Rock n’ Roll e, quando temos um público ansioso por esse gênero, o show se torna um grande barato”, disse. Fred destacou também a importância de tornar acessíveis eventos com as características do *Cinelândia - Cinema na Rua*. “Acreditamos na democratização da cultura. Vemos uma importância enorme na oferta de espetáculos onde não há um filtro, como um portão ou ingresso. Assim, participar desse evento foi realmente um privilégio!”, frisou.



No palco, a banda Pão e Chico e Ana Brasil cantam clássicos do rock brasileiro

Após o show, o filme ocupou o telão e trouxe entretenimento para a Rua Pedro Lessa. O longa acompanha Luiz Antônio, um radialista atrapalhado que assume o comando de uma estação de rádio falida e, movido pela paixão pelo rock’n’roll, transforma o espaço na Rádio Fluminense FM, conhecida como

“Maldita”. Ao lado de uma equipe dedicada, Luiz enfrenta as dificuldades para manter a rádio no ar enquanto busca conquistar cada vez mais ouvintes.

Entre situações inusitadas, solos de guitarra e os desafios dos bastidores da rádio, o filme apresenta uma história marcada pelo bom humor e pela paixão pela música. A trama também acompanha o envolvimento de Luiz com Alice, uma das locutoras da rádio, adicionando ainda mais confusão às aventuras do protagonista.

A sessão divertiu o público presente, que acompanhou a história ao ar livre e deu boas risadas com as situações vividas pelos personagens. Encerrando a programação, Aumenta que é Rock ‘n’ Roll uniu música, cinema e descontração em mais uma noite de cultura na Cinelândia.



Na Sala de Leitura do CCJF, escritoras e participantes da palestra 'Mulheres na escrita e saúde mental' refletem sobre a escrita como possibilidade de enfrentamento da saúde mental

Centro Cultural reúne escritoras para discutir os desafios da vida adulta a partir de obras escritas por mulheres

A literatura tem sido cada vez mais um espaço para elaborar experiências difíceis, dar nome a sentimentos e abrir caminhos para conversas que nem sempre encontram espaço no cotidiano. A partir dessa perspectiva, o **Centro Cultural Justiça Federal (CCJF)** recebeu, no dia 19 de setembro, a palestra *Mulheres na escrita e saúde mental*, que reuniu as escritoras Beatriz Ras, Carolina Pessôa e Nicole Ayres para discutir como a literatura aborda diferentes experiências relacionadas à saúde mental. Além disso, a programação também propôs uma reflexão sobre a escrita como possibilidade de enfrentamento dessas questões.

Durante a palestra, Beatriz Ras apresentou obras que tratam da institucionalização e da desinstitucionalização, entre elas *Reino dos bichos e animais é o meu nome* (2001), de Stella do Patrocínio, e *Os montes da Louca* (1997), de Marisa Wagner. A escritora também falou sobre seu livro *Nove Casas* (2022), inspirado em sua experiência profissional com pessoas que passaram por longas internações psiquiátricas e foram encaminhadas para serviços residenciais terapêuticos.

Nicole Ayres levantou reflexões sobre as obras *Dez dias em um manicômio* (1887), de Nellie Bly, *Garota, interrompida* (1993), de Susanna Kaysen, e *Dançando na Varanda* (2022), de sua autoria. A partir dos livros, foram discutidos temas como diagnósticos, tratamentos, traumas e recuperação em diferentes contextos históricos e sociais. Ao longo da apresentação, a atriz Katia lunes também realizou a leitura de trechos das obras comentadas, recurso que, segundo Nicole, trouxe mais dinamismo ao encontro.

Já Carolina Pessoa abordou a relação entre saúde mental e transição para a vida adulta a partir de *Por Lugares Incríveis* (2015), de Jennifer Niven, e *A Redoma de Vidro* (1963), de Sylvia Plath. A discussão também dialogou com seu livro *A Cápsula* (2023), que acompanha uma personagem diante de situações de pressão, cobrança e burnout.

Após as apresentações, as escritoras participaram de um bate-papo com o público, que pôde comentar e aprofundar as questões discutidas ao longo do encontro. Para Carolina, a receptividade dos participantes mostrou o interesse pelo assunto. “Percebo que o tema sensibiliza bastante as pessoas e gera grande engajamento, sendo não somente um momento de aprendizado sobre o assunto, mas uma porta de entrada para a discussão e aprofundamento posterior no tema. Fico feliz por poder contribuir na vida de cada um deles e espero que multipliquem o conhecimento”, afirmou.

Além de destacar a participação do público, Nicole ressaltou a importância de iniciativas que aproximam cultura, arte e temáticas relevantes para a sociedade. “É muito importante que haja espaços de cultura e arte como o CCJF, que oferece eventos gratuitos e acessíveis sobre temas relevantes, como a saúde mental e sua relação com a literatura”, frisou.

O encontro reforçou, assim, o papel de espaços culturais na promoção de debates sobre saúde mental, aproximando literatura, experiências e discussão coletiva sobre questões que atravessam diferentes momentos da vida.



Fabio Montomoli apresenta grande repertório para violão em concerto no CCJF

Na noite de 4 de setembro, o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu o premiado violonista e professor italiano Fabio Montomoli para uma viagem pela grande música para violão. Com carreira internacional, o músico apresentou um repertório que reuniu transcrições célebres e obras originais, aproximando diferentes períodos e estilos da música, do barroco ao romantismo, passando pelo universo da ópera e pelo bel canto.

O programa contou com obras de compositores como *Frescobaldi*, *Rossini*, *Giuliani*, *Paganini* e *Castelnuovo-Tedesco*. Entre os destaques, estavam a “*Rossiniana nº 1*”, de Mauro Giuliani, e “*O Carnaval de Veneza*”, de *Niccolò Paganini*, peças marcadas por variações e grandes desafios técnicos para o intérprete. O repertório também trouxe “*Capriccio Diabolico*”, de *Mario Castelnuovo-Tedesco*, composta em homenagem a *Paganini* e marcada pela influência do célebre violinista e compositor italiano.

Em meio às obras de grande virtuosismo, o concerto também apresentou um momento mais íntimo e poético, com composições de Fabio Montomoli atravessadas pela memória e pela delicadeza de uma canção de ninar. O programa foi encerrado com a célebre abertura de “*O Barbeiro de Sevilha*”, de Gioachino Rossini, levando ao público uma explosão de movimento, espírito e teatralidade.

A apresentação aconteceu na histórica Sala de Sessões do CCJF, espaço que contribuiu para a experiência musical devido à excelente acústica. Para Luiz Otávio Braga, violonista, compositor e professor aposentado da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio), que acompanhou o concerto, a performance de Montomoli superou os desafios apresentados pelo repertório. “Desde o primeiro solo fez desaparecer as inquietações que porventura houvesse: técnica perfeita, sonoridade de rara leveza e beleza, felizes nuances de timbre, dinâmica, agógica; tudo a serviço de uma musicalidade admirável”, destacou.

Para ele, a passagem de Fabio Montomoli pelo CCJF também despertou o desejo de que sua experiência como músico e professor possa ser compartilhada em outras oportunidades pelo Brasil. “A arte de Fabio Montomoli merece outras oportunidades entre nós”, afirmou o professor, sugerindo ainda a realização de *master classes* destinadas a violonistas e estudantes de música.

A apresentação proporcionou ao público uma noite dedicada à riqueza e à diversidade do repertório para violão, reunindo virtuosismo, delicadeza e diferentes momentos da história da música em um dos espaços mais emblemáticos do CCJF.





CCJF recebe programação do 19º Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul

O Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) recebeu, no dia 23 de setembro, parte da programação do 19º *Encontro de Cinema Negro Zózimo Bulbul*. A tarde reuniu exibição cinematográfica, masterclass e performance artística, em uma programação dedicada ao cinema negro e às conexões entre Brasil e África.

Um dos destaques foi a masterclass *Antropologia Visual e Pioneirismo de Safi Faye*, conduzida por Laza e Mamaye Idriss. A atividade propôs uma imersão no legado da cineasta senegalesa pioneira na articulação entre cinema, antropologia visual, memória e território, trazendo a discussão sobre a potência do olhar africano na construção de imagens próprias.

A programação contou ainda com performance de Valéria Monã e Ogã Cotoquinho, além da exibição de *Kaddu Beykat/Lettre Paysanne*, da cineasta senegalesa Safi Faye, uma das pioneiras do cinema africano e primeira mulher da África francófona a dirigir um longa-metragem.

Leandro Santana, diretor do Centro Afro-Carioca de Cinema Zózimo Bulbul, destaca a participação de Laza, curador internacional do Encontro, na aproximação com a produção cinematográfica do continente africano. “Ele é a nossa ponte com a terra-mãe, com vários países do continente africano e com cineastas espalhados pela África”, afirma.

Essa conexão internacional faz parte da trajetória do projeto, que há 19 anos reúne realizadores do cinema preto brasileiros e estrangeiros. Segundo Leandro, ao longo desse período, o evento já recebeu cineastas pretos e pretas de diferentes países africanos, dos Estados Unidos e da Europa. “O nosso encontro, que é internacional, reúne e congrega fazedores do cinema preto de todo o Brasil, de diversos estados e também de países de África”, ressalta.

Realizado pelo Centro Afro-Carioca de Cinema Zózimo Bulbul, o *Encontro de Cinema Negro* chegou à 19ª edição com atividades em diferentes espaços. O diretor destaca, ainda, a dimensão alcançada pelo evento, ao pontuar que a programação não se

restringe ao Odeon, considerado sua casa principal, e ressalta a importância da parceria mantida com o CCJF ao longo dos anos. “O CCJF é nosso parceiro já há um tempo. Realizamos algumas das sessões da nossa programação no Centro Cultural Justiça Federal e vários debates e palestras ao longo desses 19 anos, e esse ano não foi diferente”, afirma.

Para ele, a edição de 2026 reafirmou essa parceria. “Mais uma vez, a gente contou com essa parceria e pôde realizar ali uma parte significativa das nossas atividades”, concluiu.



Oficina explora as relações entre texto, voz e corpo, mostrando como a expressividade pode ampliar a comunicação com o público

Ler um texto em voz alta é mais do que pronunciar palavras. É transmitir intenções, despertar emoções e estabelecer uma conexão com quem escuta. Essa foi a proposta da oficina *A Voz do Texto: Treinamento de Leitura e Comunicação Expressiva para Escritores*, conduzida por Tati Vidal no dia 26 de setembro, na Sala de Leitura do Centro Cultural Justiça Federal (CCJF).

Ao longo das quatro horas da oficina, os participantes experimentaram diferentes recursos de comunicação expressiva, por meio de exercícios de consciência vocal, respiração, ritmo, intenção, emoção e jogos teatrais. As atividades exploraram a relação entre texto, voz e corpo, estimulando novas possibilidades de interpretação e apresentação oral.

Segundo Tati Vidal, professora, cantora, escritora e pesquisadora da expressividade vocal, a participação e a disponibilidade da turma foram fundamentais para o desenvolvimento das atividades. “Foi muito bonito perceber como, ao longo do encontro, a leitura foi deixando de ser apenas a reprodução de um texto para se transformar em presença, intenção e comunicação”, relata.

A oficina também propôs uma reflexão sobre o papel de quem lê diante de um público. Mais do que dominar técnicas vocais,

comunicar um texto envolve compreender seu significado, fazer escolhas expressivas e considerar a experiência de quem ouve. “A proposta era justamente ampliar a percepção de que comunicar um texto não significa apenas lê-lo bem: significa compreender o que se quer dizer, fazer escolhas e construir uma experiência para quem escuta”, explica a facilitadora.

Para ela, a realização da oficina no CCJF teve um significado especial pela oportunidade de compartilhar seu trabalho em um espaço dedicado ao encontro entre diferentes manifestações artísticas e à formação cultural. “Espaços como o CCJF cumprem um papel fundamental ao aproximar artistas, pesquisadores, educadores e público, criando oportunidades de encontro e de formação que ampliam o acesso à cultura e ao conhecimento”, destaca.

A experiência reforçou ainda uma ideia central em seu trabalho: a voz não é apenas um instrumento de transmissão de palavras, mas uma forma de expressão que influencia a maneira como nos relacionamos com os outros e nos posicionamos no mundo.



<<POR DENTRO>> DO CCJF

entrevista com
Gustavo Miranda

A Vitral Cultural deste mês dá continuidade na série **Por dentro do CCJF**. Nesta edição, o convidado é **Gustavo Miranda**, estagiário do Setor Visual. Ele conta sobre o porquê da escolha do curso de Design, como é estagiar no Centro Cultural; destaca quais são suas principais atividades e ainda lembra um caso memorável da sua trajetória no CCJF: participar da concepção e produção de um vídeo cultural que bateu recorde em visualizações. Curioso? Leia a íntegra da entrevista abaixo:

VITRAL CULTURAL: O que te fez escolher o curso de Design na faculdade? Quando começou a estagiar no Centro Cultural Justiça Federal e como é trabalhar em um espaço que respira cultura e arte?

GUSTAVO MIRANDA: Acabei escolhendo Design porque sempre tive facilidade e gosto por desenhar e criar. Quando entrei na faculdade, percebi que o buraco era bem mais embaixo e que Design era muito mais do que eu imaginava. Comecei a estagiar no CCJF em dezembro de 2024 e, desde então, tem sido uma trajetória bem divertida, com muitos altos e baixos, aprendizados e, principalmente, pessoas muito legais que conheci por aqui. Acho que uma das coisas mais interessantes de trabalhar em um espaço como o CCJF é estar cercado de cultura o tempo todo. Você acaba tendo contato com exposições, artistas, eventos e diferentes formas de expressão, e tudo isso vai influenciando o seu olhar. Foi aqui também que comecei a entender melhor o que gosto de fazer e a desenvolver uma estética que sinto que é cada vez mais minha.

VITRAL: Quais suas principais funções no CCJF? Qual é a atividade que você mais gosta de realizar?

GUSTAVO: Minhas principais funções são desenvolver peças gráficas para os eventos do CCJF, fazer a aplicação e manutenção dos vinis das exposições e cuidar da sinalização do prédio, além de várias outras demandas que aparecem no dia a dia. De tudo isso, acho que o que mais gosto é desenvolver as artes para os eventos. Gosto bastante desse desafio de pegar uma proposta, uma exposição ou um evento e tentar traduzir aquilo para a linguagem visual. Ao mesmo tempo em que preciso pensar no que o projeto pede, gosto de tentar colocar um pouco do meu jeito de enxergar o Design ali também. É uma oportunidade de experimentar bastante e acho que é justamente isso que torna o trabalho mais divertido.

VITRAL: Conte-nos alguma curiosidade ou caso que considere memorável, seja profissional ou pessoal...

GUSTAVO: Uma coisa que eu vou levar comigo dessa experiência é ter participado da gravação de um Reels do CCJF que bateu mais de 420 mil visualizações. Eu apareço só por alguns segundos no começo, mas ajudei em toda a gravação e, para quem vê o vídeo pronto, parece que foi tudo muito rápido. Só eu (Gustavo), Marina, Maria Clara, Lucas, Emanuele e Thamires sabemos como foi (risos). A gente ficou pra cima e pra baixo com os diretores, ajudando no roteiro, acompanhando as gravações e tentando fazer tudo acontecer. No final, foi muito legal ver o resultado e pensar: “caramba, eu tava lá e ajudei o CCJF a fazer história!” Que venham novos vídeos e novas histórias com os próximos estagiários!



Corpo, música e poesia: quando a arte se torna encontro

Uma reflexão a partir do espetáculo Kairós

Por Eliane Carvalho | bailarina, coreógrafa e diretora artística

"Dançar é também uma maneira de pensar, de perceber o mundo e de produzir sentidos."

Antes de existir como espetáculo, a dança existe como necessidade humana de expressão. O corpo dança antes mesmo de encontrar palavras para traduzir aquilo que sente. Há uma dimensão poética no movimento que ultrapassa a forma, a técnica e a representação. Dançar é também uma maneira de pensar, de perceber o mundo e de produzir sentidos.

A música e a poesia compartilham com a dança essa capacidade de comunicar aquilo que nem sempre pode ser explicado. São linguagens que alcançam territórios profundos da experiência

humana, despertando memórias, afetos e percepções que escapam à lógica cotidiana.

Quando dança, música e poesia se encontram, algo se transforma. Não se trata simplesmente de reunir diferentes expressões artísticas em uma mesma cena, mas de permitir que uma linguagem atravesse a outra, criando novas possibilidades de escuta, presença e sensibilidade.

A dança como poesia do corpo — Existe uma poesia que não depende das palavras. Ela se manifesta na respiração, na suspensão de um gesto, na intensidade de um olhar, na relação do corpo com o espaço e até mesmo na imobilidade. O corpo que dança não é apenas um instrumento de execução de movimentos. É um corpo que percebe, sente, recorda, imagina e cria. Carrega histórias, experiências e marcas que se transformam em expressão artística.

Nesse sentido, a dança pode ser compreendida como uma escrita sensível, uma poesia construída no espaço e no tempo. Cada movimento traz consigo uma intenção, mas também abre possibilidades de interpretação que pertencem a quem observa. Assim como um poema não se esgota em seu significado literal, a dança não precisa ser traduzida para ser compreendida. Sua potência está justamente na liberdade de provocar diferentes sentidos e emoções.

A música como movimento invisível — A música também possui uma dimensão corporal. Antes de ser compreendida intelectualmente, ela é sentida. O ritmo modifica nossa respiração, a melodia desperta imagens, as vibrações atravessam o corpo.

Na relação entre música e dança, existe um diálogo que vai muito além da correspondência entre som e movimento. A dança não precisa ilustrar a música, assim como a música não deve ser apenas um acompanhamento para a dança. As duas linguagens podem se provocar, se contradizer, se completar e até mesmo compartilhar o silêncio.

Um gesto pode nascer de uma nota musical, mas também pode antecipá-la. Uma pausa no movimento pode revelar algo que a música ainda não disse. É nesse território de escuta e liberdade que surgem experiências artísticas verdadeiramente vivas.

No flamenco, essa relação é especialmente intensa. O diálogo entre o baile, o toque, o cante e o compás constitui uma construção coletiva, na qual os artistas compartilham uma mesma pulsação, sem perder suas individualidades.

O flamenco nos ensina que escutar também é uma forma de dançar. E que o silêncio, muitas vezes, possui tanta força expressiva quanto o som.

A poesia como lugar de encontro — A poesia, por sua vez, não está restrita à literatura. Existe poesia na maneira como um corpo ocupa o espaço, na construção de uma frase musical, na delicadeza de um silêncio e na intensidade de um encontro.

A palavra poética tem a capacidade de abrir imagens e despertar experiências que continuam a existir para além do texto. Quando encontra a música e a dança, essas imagens podem ganhar novas dimensões.

O movimento não precisa representar literalmente aquilo que o poema diz. Pode dialogar com suas atmosferas, seus ritmos, suas ausências e seus significados mais sutis. Da mesma maneira,

a música pode revelar uma dimensão emocional da palavra que não estava evidente em sua leitura.

O encontro entre essas linguagens cria uma espécie de território comum, no qual nenhuma delas precisa perder sua identidade. Ao contrário, cada uma amplia as possibilidades expressivas da outra.

Kairós: a experiência do instante — Foi a partir dessa percepção que nasceu Kairós, espetáculo concebido como um encontro entre dança flamenca, música e poesia.

Na filosofia grega, Kairós representa o tempo oportuno, o instante carregado de sentido, em contraposição a Chronos, o tempo que se mede e se organiza. Essa ideia dialoga profundamente com a experiência artística. O acontecimento cênico se constrói no presente, na relação entre os artistas, na escuta e naquilo que emerge de cada encontro.

Em Kairós, o corpo não busca apenas acompanhar a música, mas estabelecer com ela uma relação de troca e criação. A poesia atravessa essa experiência como uma dimensão sensível que aproxima movimento, sonoridade e pensamento.

Ao lado de seis músicos, a proposta é construir um espaço em que diferentes trajetórias e sensibilidades artísticas possam dialogar, preservando a singularidade de cada expressão.

O espetáculo parte da compreensão de que a arte não acontece apenas naquilo que foi previamente elaborado, mas também na presença, na escuta e na capacidade de reconhecer a potência de cada instante.

A multiplicidade das linguagens e o acesso à cultura — Em um mundo marcado pela velocidade e pela multiplicidade de estímulos, reunir diferentes linguagens artísticas pode ser uma maneira de ampliar as possibilidades de encontro com o público.

A música pode ser a primeira porta de entrada para alguém que ainda não possui familiaridade com a dança. A poesia pode despertar uma identificação afetiva, enquanto o movimento pode comunicar algo que ultrapassa as diferenças de repertório ou conhecimento.

Essa multiplicidade não significa simplificar a arte para torná-la mais acessível, mas reconhecer que existem diferentes caminhos para a experiência estética. Entretanto, ampliar o acesso à cultura exige também espaços de acolhimento, políticas culturais, formação de público e oportunidades para que diferentes manifestações artísticas possam circular.

Nesse sentido, a experiência de apresentar Kairós no Centro Cultural Justiça Federal foi especialmente significativa. A alegria de compartilhar esse trabalho em um espaço tão importante para a vida cultural da cidade reafirmou minha convicção de que a arte precisa de lugares onde possa acontecer, experimentar e encontrar novos públicos.

A arte como experiência de presença — Talvez o que una profundamente a dança, a música e a poesia seja a capacidade de nos devolver ao presente. A dança nos convida a habitar o corpo. A música nos ensina a escutar. A poesia nos oferece outras maneiras de olhar e sentir o mundo.

Quando essas linguagens se encontram, criam possibilidades de experiências que não se limitam ao momento da apresentação, mas continuam reverberando na memória e na

sensibilidade de cada pessoa.

É essa a essência de Kairós: um convite para experimentar a arte não apenas como algo que se contempla, mas como algo que nos atravessa e transforma. Porque, em sua dimensão mais profunda, a arte talvez seja justamente isso: a possibilidade de transformar o tempo vivido em presença, emoção e significado.

